

## CAPÍTULO 2

### TOQUE E TÁTIL: AS TEXTURAS DO ESCOTISMO NO *CAPITALISMO SELVAGEM*

#### ENXERGAR ATRAVÉS DA PELE

Em 22 de março de 2014, uma enxurrada varreu o leito geralmente seco do rio próximo a Lobito. O sistema de alerta que supostamente não tinha problemas não funcionou, e um grupo de crianças que brincava entre as duas margens correu um risco mortal de ser arrastado. Nas redondezas, membros da Tropa de Escoteiros Angolanos nº 44 estavam em uma caminhada.<sup>61</sup> Ao tomarem conhecimento da situação, eles correram para ajudar. Embora eles tenham salvado as vidas das crianças, cinco escoteiros se afogaram, incluindo seu *chefe*, um jovem chamado Hipólito.<sup>62</sup>

O funeral foi realizado em uma igreja e contou com a presença de escoteiros de todo o país. Fitas pretas foram distribuídas e cuidadosamente colocadas em cada uniforme escoteiro. Os cinco caixões foram dispostos e panejados com a bandeira angolana e a dos escoteiros, e um jovem chamado Rufen, amigo próximo do falecido *chefe*, montou guarda ao lado deles, guiando gentilmente os enlutados enquanto eles prestavam suas últimas homenagens. O impacto do luto de Rufen era visível nos músculos retesados de seu pescoço e no brilho d'água em seus olhos. Durante a cerimônia, que transitou entre orações, discursos e músicas, os mortos eram saudados como heróis da nova Angola. Eles eram tidos como jovens que haviam feito um sacrifício final pelos outros e que haviam cumprido até o fim as leis do escotismo, de Deus e da cidadania que moldaram a realidade de um país em paz (Registro de Campo 140325).

---

61 Os escoteiros em Angola, como em outros lugares, são divididos em "tropas" numeradas, cada uma associada a um distrito particular e, em Angola, também a uma instituição religiosa. Em respeito à anonimidade, escolhi um número aleatório neste caso.

62 Ao longo deste livro, uso vários pseudônimos, a menos que esteja me referindo a uma figura pública. Hipólito não era uma figura pública antes de morrer, mas tornou-se uma em sua morte, então utilizo seu nome real.

Este capítulo é sobre o tato e é também um capítulo sobre escotismo. É sobre o tato em um sentido físico, frequentemente chamado de háptico pelos estudiosos,<sup>63</sup> e é sobre o toque em um sentido emocional, no sentido de se sentir tocado por algo. Também é sobre textura e classe social, e como a sensação do tecido e das substâncias na pele de alguém (o que faz a textura variar por si só) localiza um indivíduo em espaços sociais, econômicos e materiais. Como muitos estudiosos antes de mim observaram, durante a era pós-Iluminismo, em muitas partes do mundo aquilo que é visual tornou-se dominante, com frequência às custas dos outros sentidos.<sup>64</sup> Isso é, penso eu, o que o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa<sup>65</sup> quis dizer com o título de seu livro *The eyes of the skin*. Nesse livro, Pallasmaa escreve sobre o corpo como sendo “verdadeiramente o umbigo do mundo, não como um ponto de vista de uma perspectiva central, mas como o próprio lócus de referência, memória, imaginação e integração”.<sup>66</sup>

Pallasmaa chama o tato de “a mãe de todos os sentidos”<sup>67</sup> porque por meio do tato é que se conhece o mundo e, depois que todos os outros sentidos ficam embotados pela idade ou “apagados” por um trauma, “o tato é o último meio restante para alguém se guiar” – aqui, de acordo com outro filósofo, Michel Serres.<sup>68</sup> Ainda assim, o tato não pode estar só: é preciso tocar algo, alguém ou ser tocado (talvez emocionalmente) por algo. Para colocar de outra forma, “a sensação não é uma experiência apenas individual, mas social, que conecta o indivíduo não só aos outros, mas também a seus arredores de maneira mais ampla”.<sup>69</sup>

Aqui, o “enxergar através da pele”, que espero que os leitores explorem, permite compreensões sobre Angola por meio das experiências de alguns jovens homens e mulheres envolvidos com escotismo. Esse é um grupo a quem as pessoas por vezes se referiam como uma “máfia para o bem” (Entrevista nº 54) pelas formas como eles trabalhavam para mudar a sociedade angolana por fora das estruturas governamentais, mas dentro, ainda, de uma entidade muito bem organizada. Usar o uniforme de algodão dos escoteiros era um lembrete constante aos jovens homens e mulheres para viverem segundo o código moral do escotismo. Ele provia identidade coletiva e conforto individual, e as sensações – frequentemente táteis – que

---

63 Marks (2002).

64 Cf. Stoller (1989).

65 Pallasmaa (2005).

66 Id. *ibid.*, p. 11.

67 Id. *ibid.*

68 Serres (2008, p. 18).

69 Ameeriar (2017, p. 14).

provinham do tempo que se passava *em um uniforme*, caminhando ou reunidos ao redor de uma fogueira, por exemplo, garantiria respaldo aos indivíduos em suas buscas pessoais para melhoria de suas próprias vidas e a de suas comunidades.

## FAZENDO A MÁFIA

O escotismo angolano é, de algumas formas, um fenômeno recente. Em sua forma atual, a AEA (Associação de Escoteiros de Angola) existe apenas desde 1991, o que faz dela uma das mais novas associações de escoteiros do mundo. O escotismo foi fundado pelo inglês Sir Robert Baden-Powell, uma importante figura na Guerra dos Bôeres (1899-1902). É notoriamente uma das primeiras organizações globais e transnacionais do planeta. Durante a Guerra dos Bôeres, que ocorreu na África do Sul entre os afrikaners e os britânicos, Baden-Powell “libertou” a cidade de Mafeking, a despeito de enfrentar um exército Boer muito maior, após um cerco que durou 217 dias.<sup>70</sup> Parte da estratégia de Baden-Powell durante o conflito era recrutar garotos jovens como “batedores” (*scouts*) para ajudá-lo. Essa foi uma intervenção que, mais tarde, ele alegou ter sido decisiva para o triunfo britânico, e que subsequentemente tornou-se a história de origem de um movimento com quase 40 milhões de membros em todo o mundo.<sup>71</sup>

Os Escoteiros de Angola existiram durante a colonização portuguesa em pequenos números, mas foram reavivados nos anos 1990. Por volta de 2014, a AEA tinha aproximadamente 20 mil membros registrados e adimplentes em todo o país, embora os números reais fossem muito maiores. Os escoteiros encontravam-se semanal ou quinzenalmente em tropas, cada uma associada a uma igreja em particular (a Igreja de Santo Antônio de Catumbela, por exemplo), e eram divididos por faixas etárias: filhotes tropeçantes (6 a 10 anos), entusiasmados escoteiros juniores ou seniores (de 11 a 17 anos) e zelosos *caminheiros* (18 a 25 anos). Por meio das amizades feitas na escola onde eu trabalhava, juntei-me aos *Caminheiros* da Tropa nº 21 – um grupo de jovens de variados estratos socioeconômicos que frequentavam uma das maiores igrejas da região, com vista para o Rio Catumbela. Um de seus líderes, *Chefe* Pedro, era amigo de um colega meu da Escola das Estrelas, e foi por meio de seu convite que eu entrei formalmente na tropa. Por acaso, meu tataravô foi um dos primeiros escoteiros da África do Sul no início do século XX, fundando uma das primeiras tropas da Cidade do Cabo, e, durante sua infância, eu participei da programação do movimento. Esse fato me ajudou a obter minha entrada,

70 Ross (1980), Hopkins e Dugmore (2000).

71 Cf. [www.scout.org](http://www.scout.org).

e, embora as traduções para o português das orações, músicas e histórias fossem novas para mim, eu estava familiarizada com a teologia mais ampla do movimento e conhecia os tons, senão as letras, de todas as músicas.

Dois dos líderes escoteiros seniores de Angola referiam-se ao seu movimento como “uma máfia para o bem” (Entrevista nº 54) – uma nomenclatura que não era incomum. Neste capítulo, eu mostro como o escotismo desempenhou, e continua a desempenhar, um papel muito importante na emergência de “um país em paz” no contexto do *capitalismo selvagem*. O capítulo demonstra, em particular, como o escotismo é visto por muitos como uma das garantias de uma “personalidade” ou moralidade “de qualidade”, o que também costuma ser acompanhado com os benefícios materiais “de qualidade”. Os escoteiros pisam sobre uma delicada linha em que eles, ao mesmo tempo, possuem independência política explícita e operam de maneira transparente o suficiente para permanecerem inteligíveis e garantir a confiança do MPLA, partido político dominante de Angola.

É a independência política dos escoteiros, bem como seu comprometimento explícito em ajudar seus membros dentro do grupo, que concede à organização a alcunha de “máfia”. Ademais, como alguém pode nutrir aversão por uma máfia tão explicitamente comprometida com projetos sociais, cantando ao redor de fogueiras e treinando indivíduos saudáveis e moralmente fundamentados? Timothy Parsons,<sup>72</sup> considerando as evidências a favor e contra o escotismo, definiu-o como um movimento que ou sustentava regimes coloniais ou os minava. Parsons nota que poucos escoteiros possuíam dificuldade em ver os benefícios da estrutura do escotismo, ao mesmo tempo em que mantinham distância crítica dos comportamentos dos colonizadores britânicos. Acontecia o mesmo em Lobito, onde muitos refletiam profundamente sobre a ironia de adotar um movimento militar da juventude britânica logo após o fim da guerra civil, enquanto apreciavam sua grande habilidade em unificar jovens em prol de uma causa comum. Assim, o escotismo tornava-se uma máfia do *bem*, aceitável para o que, efetivamente, é um Estado de um único partido, onde um movimento nacional da juventude com estruturas de comando, mobilização e responsividade e que não obedece a qualquer líder político possa ser visto como algo ameaçador.

Os escoteiros alegam serem o maior movimento fora da estrutura partidária dominante mantida pelo MPLA. Embora seja muito menor que a ala jovem do MPLA, os escoteiros são visíveis em quase toda cidade angolana e na maioria dos grandes eventos. Por ser apartidário, os escoteiros abrigam entre seus membros pessoas vinculadas às duas outras principais organizações políticas de Angola, o UNITA e o CASA-CE, bem como aqueles sem qualquer vinculação partidária –

---

72 Parsons (2004).

embora todos seus membros sejam religiosos. O financiamento da organização se dá quase inteiramente por meio do pagamento de taxas dos membros, e muitos dos líderes escoteiros por vezes contribuem com grandes quantias de seus próprios bolsos. A maior parte dos grupos operam com orçamentos apertados e ninguém recebe salário. Em um prazo muito curto, os escoteiros conseguem mobilizar uns aos outros e suas comunidades, como fizeram na preparação do funeral descrito anteriormente; cuidando das famílias afetadas, falando com a imprensa, organizando o espaço, a comida e a procissão do funeral, além de confortando uns aos outros em momentos de profundo pesar: tocando uns aos outros, emocionalmente e com sua presença.

As estruturas de hierarquia dos escoteiros, de inspiração militar, ajustam-se às expectativas de várias gerações de pais que cresceram durante a guerra e a isso se deve, ao menos em parte, o fato de o movimento ser bem-sucedido. A ideia de que os escoteiros são “soldados da paz” era ocasionalmente mencionada, particularmente pelos *chefes* escoteiros, que haviam sido eles próprios parte das forças armadas de Angola, e que enxergavam seu trabalho como mobilizador da juventude em direção a uma sociedade que, eles sentiam, não estava no horizonte de muitos políticos. O currículo fornecido pelos escoteiros provia um degrau útil no contexto de transição de uma economia de mercado socialista para uma de mercado capitalista, combinado com uma proeminência da juventude muito alardeada, na qual os jovens superam seus pais em números, e suas expectativas de mundo estão imensamente mudadas.<sup>73</sup>

## **COSTURANDO CALÇAS DE PANO**

Existem muitas outras razões do porquê o escotismo tem prosperado. A mais óbvia não pode ser descartada – escotismo é divertido. As atividades recreacionais voltadas para a juventude são poucas e muito intervaladas em Angola, e o movimento fornecia atividades estruturadas, saídas a campo, “aventuras”, um grupo de amigos, caminhos orientados para expandir horizontes supervisionados por adultos e, também, marcadores materiais de participação e prestígio.

Acampamentos e outras excursões eram parte dos atrativos e quase sempre eram celebrados com camisetas e outros itens especialmente produzidos para a ocasião. Um dia antes de eu acompanhar a Tropa nº 21 para uma viagem a outra província para as comemorações do Dia do Escoteiro Africano, encontrei-me com Ruben e outro líder escoteiro para me preparar (Registro de Campo 140314). O

---

73 Auerbach (2010), Durham (2011), Ferguson (2006, 2015).

*chefe* Ruben, mencionado no começo deste capítulo, era o homem que segurara a bandeira para o finado *chefe* Hipólito, e também era diretor-assistente do *Clã* descrito abaixo. Pedro, Ruben e eu fomos a diversas casas coletar suprimentos e fundos que, em parte, vieram de contribuições dos participantes, mas majoritariamente dos bolsos do próprio Pedro. Compramos camisetas com o logotipo dos escoteiros, a data e o nome do evento, além de 25 pares de calças de pano, que, como reforçavam Pedro e Ruben, precisavam ter uma certa “qualidade”.

“Pano” refere-se a um tecido de algodão tingido muito popular em Angola, bem como em muitas outras partes do continente. Como todos os tecidos, ele possui uma história muito rica.<sup>74</sup> Durante o início da era colonial, os holandeses aprenderam a técnica *batik* de tingimento de tecidos em sua colônia na Indonésia. Eles levaram a técnica de volta à Holanda e mecanizaram-na e, por um longo período de tempo, a maior parte do tecido tingido com cera disponível que tornou-se (e permanece) associado à moda “africana” originou-se na Holanda. Atualmente, a maior parte dele é fabricado na China.

Em Angola, há um tingimento muito específico em laranja, vermelho, amarelo, branco e preto conhecido como *pano nacional*, ou *semakaka*. Ele é frequentemente usado para celebrar o país ou para demonstrar pertencimento. *Semakaka* é rapidamente identificável, mas, em geral, usar qualquer tipo de *pano* é visto como demonstração de orgulho nacional e cultural, distintivamente não europeu em suas referências. Uma vez por semana, às sextas-feiras, as crianças são encorajadas a usar roupas de *pano* na escola para celebrar a “identidade africana” – uma mudança que ocorreu apenas após o fim da guerra civil. Itens feitos de *pano* também são usados para carregar, embrulhar e aquecer, e quase todo mundo, dos mais pobres aos mais ricos, possui vários *panos*. Como outras mercadorias, eles variam em preço e em qualidade, e particularmente as mulheres leem os *panos* pelo que seus fios, tingimentos e desenhos revelam sobre status social (discurso melhor sobre o tema no capítulo 3).

Quando o *chefe* Pedro foi comprar calças de *pano* para os jovens de sua tropa de escoteiros, ele estava fazendo três coisas. Primeiro, ele estava promovendo uma cultura nacional emergente na qual as pessoas sentem-se unificadas pelos símbolos – incluindo, neste caso, o uso do *pano*. Segundo, estava fortalecendo o sentimento de pertencimento e afiliação ao grupo, já que nossa tropa seria identificada em parte por suas calças de *pano*. Finalmente, ele estava fornecendo aos participantes uma lembrança tangível, tátil, de suas experiências, que eles seriam capazes, inclusive, de levá-la consigo após o evento.

---

74 Mazuri Designs (2016), Nielson (1973), Sylvanus (2007).

Símbolos, filiação e materialidade eram componentes críticos tanto na construção do escotismo quanto na construção da nação. É importante recordar que a geração anterior de angolanos também possuiu tais símbolos, filiações e materialidades, mas, em muitos casos, os deles eram símbolos, filiações e materialidades que eram parte de exércitos reais. Em um livro delicado dedicado à compreensão do *pano* (que na África francófona é chamado de *pagne*), Nina Sylvanus escreve: “nas dobras da densa materialidade do tecido tingido com cera, nós vemos os fazimentos, desfazimentos e refazimentos históricos e contemporâneos das relações entre pessoas coisas e instituições que as governam”.<sup>75</sup> Usar calças de *pano* ao invés de uniformes militares significava que esses escoteiros estavam sendo vestidos para servir a um papel diferente em sua sociedade do que aqueles que vieram antes, e com novas alianças institucionais – nesse caso, com o escotismo.

O *chefe* Pedro foi inflexível ao dizer que a qualidade do *pano* importava, da mesma forma que a qualidade do uniforme escoteiro, produzido em Portugal “de acordo com padrões da União Europeia”. Como no exemplo de Joyce no capítulo anterior, as circunstâncias materiais do corpo *na sua totalidade* eram compreendidas de modo a refletir, em alguma medida, o mundo interno das pessoas. Ressalto o “na sua totalidade” porque eu também era frequentemente avisada a não confiar nas pessoas com base apenas em suas aparências, pois poderiam ser facilmente “falseadas”. Isso era, em parte, porque o cheiro, a textura das roupas e o *habitus* precisavam ser condizentes uns com os outros – e, no caso dos escoteiros, era necessário também alinhar com o comportamento considerado apropriado de acordo com as regras do escotismo. Muito parecido com Joyce e os perfumes dados como presentes a seus filhos, o *chefe* Pedro sentia que calças de *pano* de boa qualidade poderiam inspirar seus liderados, e lembrá-los de suas identidades e aspirações sociais e morais.

## CAPTURANDO CRIANÇAS ESCORREGADIAS

Em uma outra excursão, eu conversava com Gabriella, uma menina de dezoito anos de idade e que, à época, estava terminando o ensino médio e esperava entrar em uma universidade no ano seguinte. Perguntei a ela porque ela havia entrado na tropa de escoteiros e o que ela havia ganhado com a filiação. Ela respondeu:

Eu gosto dos escoteiros porque eles são unificados. Eu sou de Lobito e fui criada pela minha mãe e meu pai adotivo. Eu tenho três irmãos, todos mais novos que eu, e fui mandada para Luanda para limpar a

75 Sylvanus (2016, p. 5).

casa de uma senhora, para que, com o dinheiro, eu pudesse continuar indo à escola. Mas aí, meu padrasto morreu e eu voltei para ajudar minha mãe. Quando eu estava em Luanda, eu procurei meu pai biológico – que nunca soube que eu existia. Eu descobri quem ele era, seu endereço e fui encontrá-lo. Ele foi muito cruel – gritou comigo na frente de todo mundo, no meio da rua, e disse que nunca mais queria me ver de novo. Foi muito duro. Um homem estava assistindo tudo na beira da rua. Ele me chamou depois, e disse: “filha, todo mundo tem problemas. Até gente rica que tem carro – você não sabe o que acontece no coração delas”. Acabou que ele era um *chefe* escoteiro e me convidou para entrar no seu *agrupamento* aqui em Luanda. Ele levantou dinheiro para comprar meu lenço e para eu fazer o Juramento, e, ainda que eu esteja aqui agora, ele é como um pai para mim, e eu falo com ele quase todo dia pelo celular (Registro de Campo 140607).

Ao longo do meu envolvimento com os escoteiros, conheci muitos homens e mulheres que haviam devotado sua energia para “capturar” jovens como Gabriella – o *chefe* Pedro era um deles. A maior parte das lideranças escoteiras também eram professores profissionais, mas frequentemente sentiam-se frustrados com as estruturas educacionais e as demandas de avaliação no que dizia respeito às respostas aos desafios sociais subjacentes das comunidades onde viviam. Eles encontravam nos escoteiros uma maneira de oferecer não apenas apoio intelectual, mas também moral, e de prover aos jovens uma rede de contatos que poderia cuidar deles e oferecê-los orientação e encorajamento na direção daquilo que era compreendido como o certo a ser feito.

O escotismo criava comunidade. Quando o ônibus passou para nos pegar na viagem com Gabriella, nós todos entramos e cantamos sem parar por quatro horas até chegarmos ao nosso destino. Chegamos no lugar onde acamparíamos no escuro, e armamos nossas barracas no jardim antes de nos reunirmos no saguão. Gabriella e os outros cumprimentaram escoteiros de partes diferentes do país com vivacidade e entusiasmo, e as risadas aumentaram noite adentro. Cozinhamos e comemos com representantes de mais de trinta outras tropas que compareceram ao evento e, à noite, houve competição de contação de histórias, com a Tropa nº 21 distinguindo-se em parte pelas calças de *pano* que o *chefe* Pedro entregara durante a viagem, desencadeando gritos de entusiasmo. Depois da comida e da contação de histórias, uma fogueira foi acesa no jardim, e um componente mais reflexivo e espiritual da noite teve início. Isso também preparou o grupo para seu papel na celebração nacional no dia seguinte, em que *Caminheiros*, como nível sênior dos escoteiros, desempenhariam um papel importante tanto na construção quanto em ciceronear o movimento nacional.

Por meio de excursões de campo como essa excursão a Lubango, jovens eram colocados em uma estrutura onde encontrariam outros jovens de bairros, cidades e, por vezes, até mesmo países diferentes e, dessas reuniões, originavam-se amizades e horizontes mais amplos. O movimento realça que qualquer escoteiro em um uniforme é um “irmão”, independentemente de sua posição na sociedade fora do escotismo. Esse era um dos poucos espaços do país onde filhos de ministros do governo e de pedreiros poderiam misturar-se enquanto iguais – o que de fato faziam –, ao menos em eventos como o Dia do Escoteiro Africano. Aqui também a textura dos uniformes servia para aplinar diferenças de status econômico reveladas pelas vestimentas do dia a dia.

O uniforme “oficial” dos escoteiros permanece inalterado desde a era colonial britânica. Ele é constituído de botas de lona, shorts longos, meias grossas de lã na altura do joelho com pendões vermelhos também de lã, um cinto com o logo com a flor-de-lis dos escoteiros gravado na fivela, uma camisa cáqui com *epaulettes* em que eram vistos as insígnias e os marcadores do grupo, o lenço dos escoteiros (colorido a depender do nível, como as camisetas descritas a seguir) e um chapéu circular de feltro com abas largas. Na maior parte das reuniões, os escoteiros usavam meias longas, shorts azul-marinho e camisetas com o nome de seus *agrupamentos* codificadas por suas cores: amarelas para Filhotes, azul e verde respectivamente para escoteiros Juniores e Seniores, e vermelho para *Caminheiros*. Os *chefes* escoteiros geralmente usam camisetas roxas, e seus lenços eram verde-escuro. *Caminheiros* deveriam sempre carregar uma vara bifurcada que representava “sua jornada através da vida” e as escolhas que eles deveriam fazer entre o bem e o mal. Tudo isso dito, o uniforme custava mais de US\$ 200, e os escoteiros – quanto mais velhos ficavam – faziam um esforço considerável para obtê-lo.

Curiosamente, o efeito de aplainamento do uniforme funcionava melhor no nível dos *Caminheiros*. O mercado de roupas de segunda mão em Angola era frequentemente inundado com uniformes de escoteiro para Filhotes e Juniores canadenses e estadunidenses rejeitados. Os pais compravam-nos para seus filhos em um esforço para poupar dinheiro, mas tal esforço era, via de regra, gentilmente repreendido: “nós somos os escoteiros *angolanos*, e não deveríamos estar tentando imitar os norte-americanos”, diziam-nos repetidamente, a despeito dos custos envolvidos. Por volta de 400 pessoas compareceram ao Dia do Escoteiro Africano em 2014, e o líder nacional dos escoteiros nos falou, enquanto nos reuníamos em um estádio de construção chinesa, após um dia de apresentações, orações e consolidação de equipes: “deixem um mundo melhor do que o que encontraram”, ele dizia, “e lembrem-se que, por meio do escotismo, nós encontraremos ocupação uns para os outros, e lhes ensinaremos a serem *cidadãos morais* construindo a Nova Angola” (Registro de Campo 140315, grifo meu).

## ACENDENDO A FOGUEIRA COMO SERVIR

Quando o líder nacional falou sobre cidadania moral, ele tinha preocupações muito particulares em mente. Um dos líderes locais do movimento – Rui Luís Falcão Pinto de Andrade – havia escrito extensivamente sobre o escotismo em Angola, e em seu livro mais conhecido ele afirma:

Em uma sociedade como a nossa, onde princípios, regras e normas de comportamento social foram, por décadas, profundamente desvirtuados, é necessário que o movimento dos escoteiros seja mais do que um mero ator da sociedade civil, e, ao invés disso, assuma o papel de uma organização pró-ativa no ambiente de recuperação, reabrindo, tão logo seja possível, os valores sociais que foram amplamente mal aplicados e até perdidos [na sociedade contemporânea].<sup>76</sup>

Ele continua na página seguinte:

Nosso único objetivo é trazer à sociedade em geral, e, em particular, àqueles que dedicaram suas vidas à educação, nosso conhecimento do que pode ser perdido se o Estado continuar a fingir que não entende algumas instituições, em razão de seu valor intrínseco, são muito mais do que meras associações de jovens destinadas a engajá-los em seu tempo livre... Mais do que ser visto como uma associação de jovens, os escoteiros deveriam ser reconhecidos e aceitos como uma *organização socialmente útil* em virtude do método que os distingue de outras.<sup>77</sup>

O “método”, como explica Andrade, é uma educação autodirigida baseada em um currículo que fora planejado de acordo com as necessidades psicológicas da juventude em mente.<sup>78</sup> Ele prevê uma educação vitalícia<sup>79</sup> baseada em símbolos utilizados para orientação, adaptados a partir de um enquadramento de referência cristã. Os escoteiros aprendem como fazer, assim como ser, seja em um momento dado (*estar*),<sup>80</sup> seja intrinsecamente – no nível da moralidade e/ou da alma (*ser*). Eles também estudam para realizar o que os líderes escoteiros angolanos veem como

---

76 Andrade (2010, p. 17).

77 id *ibid.*, p. 19-20, grifo meu.

78 Id. *ibid.*, p. 25.

79 Id. *ibid.*, p. 45.

80 Id. *ibid.*, p. 54.

um dever perante Deus e à nação, ao *agrupamento*, à família e a si próprio<sup>81</sup>. Andrade defende a inclusão das mulheres em todos os níveis dos escoteiros, e enfatiza a necessidade de todos os líderes escoteiros estarem constantemente melhorando a si mesmos e a suas comunidades – que eles devem liderar por meio do exemplo.

Servir é, portanto, de suma importância para os escoteiros, e aqueles que cumprem seu currículo têm muitas oportunidades para praticá-lo. O movimento é recheado de simbolismo, e os escoteiros identificam uns aos outros por meio dos uniformes, apertos de mão, saudações e um código moral. Os *Caminheiros*, no dia a dia e em eventos escoteiros, cumprimentam-se com uma saudação e a simples declaração/instrução “Servir!”. Caso um escoteiro seja visto desviando-se da lei do escotismo ou dos valores morais defendidos por sua comunidade da igreja, ele ou ela enfrentariam sanções – geralmente, a punição consistia na proibição do uso do lenço até que a situação fosse corrigida. Um de meus colegas, por exemplo, tivera um filho fora do casamento; até que uma cerimônia apropriada fosse organizada e celebrada, se garantisse à criança uma educação cristã respeitável, não lhe seria permitido o uso do lenço (o uso do resto do uniforme era considerado aceitável). Em razão dos custos envolvidos, esse processo poderia durar muitos anos, e ele costumava brincar que, quando ele recebesse seu lenço de volta, ele já estaria comprando um para seu filho, que, calculava ele, já poderia ser um escoteiro Filhote (Registro de Campo 140211).

Diferente de muitos outros países, Angola não permite a existência de escoteiros seculares. Como afirmado anteriormente, a filiação aos escoteiros articula-se com a filiação à igreja. O país já teve uma relação complicada com o Islã, e alguns poucos muçulmanos podem ser vistos nas ruas.<sup>82</sup> Quanto às outras religiões, frequentemente diziam-me que a comunidade judaica deixara o país em 1975 (ainda é possível ver muitas sinagogas, mas hoje são usadas para outro propósito), e, desde então, não há (supostamente) nenhuma diversidade religiosa, embora haja muita competição entre diferentes manifestações do cristianismo. A regularidade com a qual os noticiários angolanos reportam a demolição de mesquitas pelo Estado sugere, entretanto, que a realidade é ligeiramente mais complicada.<sup>83</sup> Muitas pessoas que eu conhecia consultavam-se regularmente com curadores tradicionais, embora os escoteiros fossem particularmente críticos de tais práticas, referindo-se às pessoas envolvidas como *bruxas*. Muitas igrejas também possuíam diversas organizações de jovens atreladas a elas, sendo os escoteiros apenas uma delas – embora fosse a com maior reconhecimento e suporte nacionalmente. Isso era, ao menos em parte, em razão das tendências amplamente conservadoras do movimento como

---

81 Id. *ibid.*, p. 63.

82 BBC (2016), Morris (2014), Patel (2013).

83 Patel (2013).

um todo que faziam-no parecer controlável e tornava improvável que desagradassem os sistemas de poder, como elaborarei brevemente.

O simbolismo entre os escoteiros era extremamente importante. Como Sher-ry Ortner<sup>84</sup> escreveu nos anos 1970, símbolos codificam significados complexos e tornam-nos manejáveis. Ela descreve o que chama de símbolos sucintos e elaborados: os símbolos sucintos capturam os significados amplos associados a eles “de uma maneira emocionalmente poderosa e amplamente indiferenciada”,<sup>85</sup> em contraste, símbolos elaborados nos ajudam a “selecionar ideias e sentimentos complexos e indiferenciados, tornando-os compreensíveis, comunicáveis aos outros e traduzíveis em ações ordenadas”.<sup>86</sup> Para os escoteiros, e especificamente para os *Caminheiros*, o fogo, na forma de uma fogueira, era um símbolo sucinto muito importante, e em quase todas as reuniões havia uma fogueira física ou a evocação da ideia de uma. O fogo, de acordo com o manual *Caminheiro*, é um “símbolo do Espírito Santo para o que é decente, um poder dinâmico de amor e força que nos ajuda a concretizar o Evangelho em palavras e gestos, a escuridão em luz. É o fogo que ilumina o caminho para você, que o aquece durante sua jornada e que conforta seu corpo e sua alma”.<sup>87</sup> Com o acendimento da fogueira, os escoteiros eram encorajados a *sentir* (física e emocionalmente) o “calor” de servir e a internalizar uma série de experiências sensoriais como forma de orientação moral. Isso servia ao fim de tornar-se, para usar a terminologia de Ortner sobre o que é um símbolo elaborado, “um novo humano”.

## CONSTRUINDO UM NOVO HUMANO

*Ó, Pátria, nunca mais esqueceremos  
Os heróis de quatro de fevereiro.  
Ó, Pátria, nós saudamos os teus filhos  
Tombados pela nossa Independência.  
Honramos o passado e a nossa História,  
Construindo, no Trabalho, o Homem novo,  
Honramos o passado e a nossa História,  
Construindo, no Trabalho, o Homem novo!*

Hino Nacional de Angola, 1º verso

---

84 Ortner (1973).

85 Id. *ibid.*, p. 1339.

86 Id. *ibid.*, p. 1340.

87 AEA (2013, p. 34).

O hino nacional de Angola, composto por Rui Alberto Viera das Mingas e cantado todos os dias por crianças nas escolas, faz referência ao início da Guerra de Independência (4 de fevereiro de 1961), e articula um compromisso de construir, no trabalho, o homem novo (*homem novo* é um termo inclusivo de gênero). O “homem novo” também era uma noção extremamente para o escotismo angolano, embora seus dois usos, no hino e nos escoteiros, tinham duas origens e interpretações diferentes. Aqui, é importante compreender ambos, pois eles capturam os ideais segundo os quais os escoteiros são esperados viver em acordo e, no caso do *chefe* Hipólito, descrito no início deste capítulo, são ideais pelos quais se espera que os escoteiros também morram em acordo.

A expressão “novo homem” possui dois marcos de origem relevantes: o esforço socialista por uma sociedade transformada, e a transformação bíblica descrita quando os homens se encontram com Cristo. A noção aparecia frequentemente na literatura e na propaganda nacionalista dos anos 1960 até o início dos anos 2000<sup>88</sup> como uma busca por uma visão coletiva do novo país. Durante a guerra civil, milhares de jovens angolanos foram estudar em Cuba e, lá, a visão do novo homem era apresentada aos estudantes a partir de uma série de fontes diferentes “de ambos os lados da divisão ideológica do mundo”, de acordo com Delinda Collier.<sup>89</sup> Ela continua: “em Angola, o novo homem era usado para indicar a noção universalista de desenvolvimentismo, em tensão com as noções particularistas de africanidade e angolanidade”.<sup>90</sup> O “novo homem” era, desde seu início, uma forma de descrever o que era, de fato, o “novo homem”, em razão da independência, e o que era desejado e sonhado para seu futuro. À época em que eu fazia meu trabalho de campo, entretanto, o novo homem como conceito era raramente evocado com o reconhecimento de suas origens socialistas. Ao contrário, era mais comumente referenciado em termos de Efésios 4:24, “e vós revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade”.

No manual *Caminheiro*, é dito aos escoteiros:

“A vida do novo homem.” A construção da Igreja de Cristo sinaliza maturidade e fé, ela é um projeto do Homem para o mundo. Como cristãos, vocês são chamados a ser “o sal da terra”, “a luz do mundo”, “o fermento da massa”, assumindo um lugar ativo na construção de “novos céus para novas terras”.

88 Hatzky (2012), Marcum (1978), Mourier-Genoud (2012).

89 Collier (2012, p. 187).

90 Id. *ibid.*

O Reino de Deus, cuja lei é manifesta nas Bem Aventuranças, e a vida de Cristo – “o Novo Homem”: esta, portanto, será a medida pela qual alguém tornar-se-á *Caminheiro*.

O ideal do *Caminheirismo* é o símbolo do “Novo Homem”, baseado nas Bem Aventuranças, Fraternidade e Servidão. O Novo Homem é livre e responsável, e busca desenvolver o mundo baseado nos conceitos de paz e justiça, ajudando a todos ao seu redor, tentando evitar as dependências do mundo e servir onde quer que seja possível.<sup>91</sup>

O “novo homem” dos escoteiros é inspirado em Cristo, como o manual deixa explícito, e dos escoteiros é esperado que sigam Seu (inequivocamente masculino) exemplo a todo momento. Em uma entrevista conduzida com dois dos oficiais escoteiros há mais tempo na organização, eu os questionei a respeito do conceito. Respondendo juntos, eles disseram:

*O homem novo* é parte da mística dos *Caminheiros*. Ele orienta as ideias fundamentais no estágio final do escotismo. Ele está nas orações, e diz respeito à transformação de Cristo. Espera-se que ele dê à juventude uma ideia de como eles próprios têm o potencial para transformar. Ele também fornece aos jovens os mecanismos para lidar com as mudanças, e para encontrarem em si mesmos a habilidade para construir solidariedade com os outros.

Este foi um conceito que se tornou muito forte politicamente em Angola nos anos 1980, quando nós tínhamos o que era chamado de “política da clemência”, onde as pessoas que estavam com os partidos de oposição da FNLA [a certa altura, um partido de oposição que entrou em colapso no início da guerra] poderiam entrar no MPLA sem risco, e ex-soldados poderiam ser integrados tanto no exército do MPLA quanto na sociedade civil. O *homem novo* é um “mistério” que ajuda a juventude a servir melhor, que os dá um senso de responsabilidade em relação a seus amigos, e que pode ser o modelo no qual eles podem se inspirar. É um conceito inclusivo que também auxilia a juventude a pensar sobre suas vidas em um contexto mundial mais amplo, e para ser flexível com as mudanças (Entrevista nº 54).

Esses dois líderes escoteiros eram bastante conscientes dos dois significados diferentes do termo “novo homem”, mas para eles ainda era um conceito útil. “Pensar sobre a vida em um contexto mundial mais amplo”, eles sentiam, era im-

---

91 AEA (2013, p. 27).

portante para os jovens que envelheciam em um país que passava por tamanha mudança, e os dois pontos de origem do termo eram valorizados porque Angola *passara* por uma guerra, a maior parte dos angolanos *eram* cristãos e encontrar coesão, ao contrário de dissonância, em interpretações no esforço nacionalista e na Bíblia era bastante útil. A ideia do “novo homem” unificava a juventude e os fornecia a linguagem com a qual era possível definir suas fases adultas como profundamente diferentes das de seus pais em virtude da ausência da guerra. Por meio das evocações de Jesus, preservava-se um senso de cuidado da comunidade que era, ao menos teoricamente, muito forte durante a era socialista ao lado do *ethos* de crescimento pessoal do capitalismo. O termo abriu um espaço imaginativo para a criação e o povoamento de um país reconhecível, mas também fundamentalmente diferente daquele do passado, não apenas em termos da ideologia, mas também das *texturas* da vida cotidiana que os cercava. As texturas do “novo homem” eram suaves, limpas e puras: calças de *pano* de qualidade, ar-condicionado nas vans que os levavam aos eventos como o Dia do Escoteiro Africano e a sensação física do acampamento e da fogueira sob as estrelas.

## ESCOLHENDO CAMISETAS APROPRIADAS

Eventos como o Dia da África eram o ponto alto para muitos escoteiros, e, para alguns, a razão principal pela qual eles haviam entrado para o movimento. Mas o trabalho real de “praticar a paz” se dava durante reuniões mensais da tropa, nas quais os *Caminheiros* iam para uma sala de aula em uma escola primária local e trabalhavam o currículo escoteiro. Cada grupo de *Caminheiros*, entre 24 e 30 alunos, era chamado de *clã*. O *clã* era conhecido por outros escoteiros não pelo número da tropa (neste caso, o número 21), mas por um nome escolhido, concedido apenas no momento da formação do *clã* e, portanto, de grande significância. Ruben, o jovem rapaz que descrevi anteriormente segurando a bandeira para seu falecido amigo, era *chefe* assistente do *clã* nº 21, responsável por gerenciar as atividades semanais do grupo e levá-las de uma reunião informal de jovens para as estruturas formais dos escoteiros. Na sessão onde o grupo deveria escolher seu nome, realizada pouco antes do Dia do Escoteiro Africano, o diálogo mostrou tanto as possibilidades e limitações da liberdade de expressão dentro do escotismo e da Nova Angola, bem como os acionamentos da “máfia para o bem”. Foi mais ou menos assim:

*Chefe Ruben:* Servir!

*Grupo:* Servir!

*Chefe Ruben:* Nós precisamos escolher um nome para o nosso *clã*. Precisa ser um nome inspirador; deve homenagear uma figura importante da nossa história.

*Magdalena:* Se esse é o critério, como não existem *clãs* chamados Savimbi? Savimbi foi um líder, e foi inspirador (Registro de Campo 140308).

A sala ficou em silêncio, tanto no momento em que o nome de Jonas Savimbi foi mencionado quanto diante da afirmação de que ele havia sido um líder inspirador. Jonas Savimbi fora o antigo líder militar da UNITA, cuja morte acabou com a guerra civil. Ele raramente era reconhecido, e ainda mais raramente elogiado, ainda que de maneira sutil, pois fazê-lo era visto como uma provocação ao governo do MPLA. Muitos escoteiros eram membros da ala jovem do MPLA, a JMPLA, o que era aceitável sob suposição de que a vida política e a vida de escoteiro das pessoas deveriam manter-se separadas (Entrevista nº 54).

Após um momento de pausa, Ruben finalmente respondeu:

Dar o nome de Savimbi ao *clã* seria contra o bom senso! Todos nós sabemos que Savimbi *não foi* um exemplo a ser seguido. Seria impossível dar esse nome porque nós precisamos compactuar com os valores de nossa sociedade, e a maioria diz que isso não é ok.

“O que é a maioria?”, alguém perguntou, e a discussão tornou-se acalorada rapidamente. Ruben, no entanto, não se deixou levar, e pedia por ordem repetidamente. Ele encerrou a discussão e insistiu que o grupo realizasse um ditado da Lei dos Escoteiros Angolanos, que os *Caminheiros* transcreveram meticulosamente em seus cadernos, uma vez que poucos conseguiam arcar com o preço das cópias impressas (Registro de Campo 140308). O momento fora ilustrativo daquilo que os escoteiros permitiam e o que era proibido, tornando possível a discussão sobre aquilo que, na maior parte dos contextos angolanos, era simplesmente indizível àquela época. Em 2014, muitos acreditavam que mesmo dizer o nome de Savimbi poderia ser lido como um ato de rebelião, e a maioria tinha medo demais para fazê-lo. A memória de uma polícia secreta altamente ativa ainda era presente em grande parte da sociedade angolana, e articular críticas publicamente era altamente arriscado. Os ambientes dos escoteiros eram um dos poucos lugares onde *alguma*

discussão era possível, embora, como Ruben apontou tão rapidamente, o escotismo devesse “seguir os valores da sociedade”. Na prática, isso significava concordar diligentemente com o MPLA, que garantiu ao movimento espaço suficiente para florescer, mas fechou oportunidades para debates e discussões genuínos.

Em uma conversa posterior, Ruben falou-me de Savimbi de uma maneira muito diferente. Enquanto esperava para pegar as camisetas a serem dadas durante o Dia do Escoteiro Africano, nós discutimos a guerra civil e a aula descrita, e ele comentou:

Savimbi nunca matou pessoas, sabe? Foram seus soldados que mataram. Mas não podemos dizer isso porque a liberdade de expressão em Angola não é realmente permitida. Aqui é complicado. Eu mesmo não sou como outros angolanos porque eu penso sobre isso, sabe, sobre como é estranho que nós não possamos falar... Eu também recuso filiar-me ao MPLA, porque é importante ser neutro e criar espaço para a oposição. Meu pai foi do MPLA, um homem militar, e eu sei que nem tudo era bom. Eu tenho essa memória de crescer durante a guerra, tinha seis anos, talvez sete anos de idade. Eu cresci em Huambo [cidade do interior], onde a guerra era feia. Teve um dia em que um amigo do meu pai foi alvejado na nossa frente, e eu não sei por quê. Não foi só um tiro, foram onze, eles simplesmente não paravam. Às vezes eu acordo à noite depois de sonhar com isso. As pessoas aqui na província de Benguela não tinham ideia de como a guerra realmente era, mesmo que eles finjam que sim. Era muito difícil. Eu era uma criança gordinha, sabe, naturalmente gordinho, como são algumas crianças, e eu passava tanta fome naquela época. Eu também me lembro da ONU vindo e medindo os pulsos das crianças e só dando comida para as que tivessem o pulso fino. Eu carrego essa memória também: eu era gordo demais, mas passava muita fome. Essa era a guerra (Registro de Campo 140314).

As duas articulações de Ruben sobre o papel de Savimbi em sua vida eram típicas das pessoas jovens que eu conhecia, que andavam na linha em público, mas nos ambientes privados eram frequentemente muito mais críticos do que achavam que poderiam transparecer. Os riscos da crítica no contexto do *capitalismo selvagem* são melhor entendidos ao analisarmos um dos “irmãos mais velhos” e mentor de Ruben, um homem que chamo de Bruno, um dos escoteiros mais experientes da região. Os dois trabalhavam juntos e haviam se conhecido quando Ruben se mudou para Benguela com 11 anos de idade.

Bruno viera de uma família extremamente pobre sem nenhuma conexão política. Quando criança, ele se encantava com os jovens que via usando o uniforme

dos escoteiros, que tinha apelo para seu senso estético ordenado. Ele convenceu seus pais a deixá-lo entrar para o grupo dos Filhotes – um dos vizinhos do *Agrupamento Z*. Ele galgou posições com muito esforço, e sua dedicação aos escoteiros rapidamente tornou-se um aspecto bem conhecido de sua personalidade. Ele assumiu tantos papéis de liderança quanto era possível, e as habilidades e contatos que obteve por meio do escotismo permitiram a ele conectar-se com diversas ONGs, além do braço local do MPLA Júnior. Sendo gentil, sincero, inteligente e ilimitadamente entusiasmado, Bruno tornou-se, na adolescência, um dos jovens mais conhecidos em Benguela-Lobito, e, na época em que o conheci, era um líder influente da juventude, cuja presença e redes de contatos abrangiam várias organizações. O escotismo, entretanto, era seu primeiro amor, como ele costumava dizer a qualquer um que escutasse.

Na época em que Bruno e eu nos conhecemos, sua família havia acabado de tomar uma decisão difícil: ele estava prestes a assumir um cargo oficial dentro da estrutura do MPLA. A decisão fora difícil porque Bruno sabia que isso comprometeria sua capacidade de ser crítico “ao partido [político]”, e, em algum grau, limitaria também suas atividades entre os escoteiros. Ele também sabia que muitas das pessoas que se inspiravam nele e eram silenciosamente críticas do Estado o veriam como um vendido. “Mas isso é exatamente o que eu estou fazendo, sabe?”. Ele explicou:

Eu não tenho escolha. O MPLA disse que eu estou me tornando muito influente, e que agora eu preciso estar com eles, ou eles dirão que eu estou contra eles e cortarão minha água e minha luz. Eu convoquei todos os membros mais velhos da minha família e os perguntei o que deveria fazer, e eles disseram “meu filho, você é um menino pobre, sem nada. Você precisa entrar para o partido, é a única maneira, ou eles te colocarão na cadeia.” Eles me disseram: “Bruno, não tem nada a ver com ideais, isso é como as coisas são em Angola.” E então eu aceitei, entrei para o partido, e não vou mais conversar com as ONGs, embora as pessoas dessas organizações saibam que, no meu coração, eu continuo com elas.

Quando Bruno era “apenas” um líder escoteiro, ele tinha alguma possibilidade de ser crítico do MPLA (como Ruben havia sido, ao menos em privado), mas, agora que ele trabalhava para eles em seu emprego oficial, ele não poderia mais fazê-lo (e, se o fizesse, ele seria acusado de deslealdade e prontamente demitido). Por causa do princípio da neutralidade escoteira, Bruno explicou, “eu não uso minha camiseta do MPLA quando vou às reuniões dos escoteiros, e não visto minha camiseta dos escoteiros quando vou ao MPLA. Mas o mesmo coração bate por baixo delas,

e esse coração é leal aos meus *irmãos* escoteiros antes de ao partido”. (Registro de Campo 140310).

## PRATICANDO A PAZ

Sabendo quando e quais camisetas usar, ou quando criticar o Estado angolano, tanto Bruno quanto Ruben demonstravam as lições da máfia para o bem para prosperar sob as condições do *capitalismo selvagem*. Como organização, os escoteiros estruturavam e disciplinavam os comportamentos dos indivíduos, mas também abriam espaços para diálogos que de outra forma não existiriam. Ambos eram bastante conscientes de suas próprias escolhas, como revelam as entrevistas, e momentos como os com a Magdalena, descritos acima, mostravam como há uma testagem constante das fronteiras e exploração dos limites entre paz e conflito. O que repousava sob a camiseta e no coração era conhecido apenas com “os olhos da pele”, e, em cada caso, era profundamente pessoal, mas o escotismo provia a estrutura e a comunidade na qual era possível trabalhar conscientemente em benefício de uma sociedade angolana transformada. Por meio de doação de sangue, campanhas de arrecadação de alimentos, manutenção de prédios públicos ou da participação no Dia do Escoteiro Africano, jovens mulheres e homens assumiam, nos escoteiros, um papel público no país pós-guerra, e suas amizades, sua máfia para o bem, os sustentavam.

Aqui, é útil refletir sobre a materialidade não apenas da construção de novas casas, mas da construção de novas pessoas. Os uniformes repousam sobre a pele, os chapéus sombreiam os olhos, possuir um cinto, ou um apito, ou um par de botas marcam o pertencimento de alguém. Ainda assim, a materialidade por si só não era suficiente para convencer as testemunhas sobre a “qualidade” – que precisava existir no contexto de uma estrutura moral e social. Construir casas, ir para a escola ou fazer parte dos escoteiros eram todas maneiras nas quais a Nova Angola podia ser negociada, e as redes de contatos necessárias para prosperar sob condições de *capitalismo selvagem* podiam ser mantidas.

**Por que isso importa? (toque)*****Aprendendo a paz***

Para que a paz possa tornar-se uma expectativa, ela precisa ser repetidamente praticada. O *Oxford English Dictionary* define a prática como “a aplicação ou o uso real de uma ideia, crença ou método, em oposição à teoria ou aos princípios de algo”. A aplicação ou o uso da paz em Angola como uma ideia, crença e método não fora direta: sua chegada fora repentina e inesperada, e, depois de séculos de colonização e décadas de guerra civil, ser cidadão de um país em paz era uma experiência nova para todos. Como também era (e é) criar filhos em paz, como também era (e é) engajar uma geração de adolescentes que nunca conheceram a guerra. “Praticar” também é um verbo: “perseguir ou engajar-se em (uma ocupação, profissão, habilidade ou arte em particular)” (ibid.). A paz precisa ser praticada também neste sentido, e esse processo também está em andamento por todo o país. Milhares de ações cotidianas experimentam, testam, refinam e expandem a compreensão prática daquilo que um de meus interlocutores chamou de “a paz que nós temos” (Entrevista nº 104) e, por meio da ação e do diálogo do dia a dia, a paz que as pessoas desejavam.

Este livro explora as práticas da paz, seja enquanto verbo, seja enquanto pronome, práticas essas que a maior parte dos leitores descobrirão que ressoam suas próprias experiências vividas diariamente. A paz é também uma imagem, ou a falta de uma imagem, da guerra. Liisa Malkki escreveu extensivamente sobre o impacto das imagens da guerra civil nos corpos africanos; Jain mostrou que a linguagem da guerra causa o mesmo efeito que certos tipos de doenças. Em uma era de crescente pixilação, como nós imaginamos um país em paz? O que o olho – e o iPhone – captura das pessoas no dia a dia, e como os retratos da vida cotidiana no Facebook, Instagram ou SnapChat complementam ou desafiam a imagem de mundo que os próprios leitores estão fazendo? Como esse mundo é sentido?

## POEMAS

## PATERNIDADE

*ele me conta que seu objetivo  
é ganhar o suficiente  
pra que suas filhas não precisem beber água não filtrada  
ele diz que ele  
já desenvolveu os parasitas pra resistir à doença,  
mas que deseja que suas meninhas  
nunca tenham essas criaturas em suas barriguinhas.  
água filtrada é mais cara que gasolina nessa cidade,  
ele observa. Será que o governo  
pensa que nós deveríamos beber combustível?  
ele questiona, colérico.*

## O PRÉDIO DA RÁDIO

*na praia, a areia rói nas entradas  
um prédio com formato de um castelo oval monitora o  
vai e vem dos barcos no porto de Lobito.  
essa é a torre de rádio, de onde o poder escapava,  
e, enquanto a fuga ocorria, também ocorriam chegadas – refugiados – e,  
agora, as mulheres cultivam milharais ao lado de suas portas e  
famílias dormem nos centros de toca-discos. A pintura  
está gasta, mas brilhante: rosa, laranja, verde. O prédio  
é um espanto de arquitetura e fantasia, e abriga  
cinquenta pares de olhos humanos curiosos, e gatos, e cachorros,  
e até duas cabras, e, no jardim, galinhas. Também é  
um lugar onde os ônibus foram abandonados à ferrugem, tornando-se  
um playground de proporções magníficas para pequenas  
crianças, e tem também uma quadra de basquete, cimentada, onde  
grupos reúnem-se aos sábados com uma bola, e jogam,  
às gargalhadas, enquanto o sol se põe. mas o prédio da rádio é  
ao lado do clube esportivo, e o clube esportivo é  
ao lado do hotel caro, e, à medida que as lâmpadas  
nos postes são reinseridas, os administradores da cidade  
começam a cerrar seus punhos. Parece duvidoso  
que os olhos e ouvidos e bocas dentro do prédio da rádio  
possam ficar por muito tempo, então o medo agora mergulha  
junto a cada vez que a luz central é acesa.  
(aqui, eles são gratos pela Crise, mudança adiada novamente  
a escadaria em espiral continua sua lenta desintegração).*

## SETE MULHERES

*há sete mulheres velhas, algumas de pés descalços, algumas com chinelos de plástico  
todas ligeiramente curvadas sob grandes baldes de plástico colorido, todas enrugadas  
dos  
anos de sol  
suas camisetas, majoritariamente brancas, estão bem dobradas em amontoados de pano  
brilhante  
e elas correm geriaticamente para atravessar a estrada, de forma que todo o tráfego  
prende a respiração para ver se elas passarão  
ou um balde cairá; e, então, elas logram parecendo nada menos que miraculosas.  
sete mulheres velhas, algumas de pés descalços, algumas com chinelos de plástico,  
grandes baldes de plástico colorido cheios de verduras  
atravessando a estrada.*

## COMPRANDO PANO

*entrar na feira.  
esgueirar-se com dificuldade entre motocicletas e  
tiras de carne dependuradas. manter os dentes superiores  
cuidadosamente tocando o lábio inferior para evitar engolir moscas.  
depois da sessão da carne onde o carvão é vendido, depois  
do carvão, eletrônicos. Continue, passe por  
homens com carrinhos de rodas de madeira e passo ligeiro,  
passo ligeiro até o ponto  
onde três mulheres sentam-se com pilhas de pano estampado. Depois  
de conversar um pouquinho  
você perceberá que atrás delas há um lugar onde  
as pessoas pagam para urinar e defecar contra a  
parede em privacidade, seu nariz observará isso com interesse.  
As mulheres vão bater papo e bater papo e gargalhar e dizer olha! Esse aqui é lindo!  
Estampado com pássaros, laranja e amarelo  
voando em um céu azul-petróleo e adentro de árvores verde-azuladas.*

## MÃE DE FÁTIMA, NO NATAL DE 2013

*A caixa contém perfume, é dia de Natal*

*(e ela ulula de alegria e joga os braços para os céus)*

*A comida está bem feita, é dia de Natal*

*(e ela ulula com ousada alegria, e distribui bênçãos)*

*A igreja está cheia, é noite de Natal*

*(e ela ulula em ousada fantasia, e louva a Deus)*

*A casa está cheia, é dia de Natal,*

*(e ela ulula com ousada sinceridade, e conta histórias de devoção às crianças)*

*O coração está pleno, é dia de Natal,*

*(e ela ulula com gratidão, e nós também o fazemos)*

*Com graças por estarmos juntos, barrigas cheias, e um cheiro tão bom.*

## A AJUDA CUBANA

*uma mulher tem uma filha que sofre  
e o país não tem os recursos  
a elas, é dito a todo momento  
para adaptar as necessidades das crianças  
mas há um jovem rapaz, um enfermeiro cubano  
que lhe mostra rapidamente, em momentos fugidios na clínica  
uma técnica para ajudar a crianças a andar um dia  
mais alguns instantes, talvez uma semana, de conversas preocupadas  
e o enfermeiro cubano vai até a casa onde vive a criança  
e começa a entalhar-lhe uma cinta de madeira  
e dentro da cinta ele massageia suas pernas  
diz-lhes com seus dedos para o que ela serve  
ela dá um passo sem cair  
sua mãe chora  
ela o paga por debaixo da mesa  
a menininha o chama de Tio Cuba.*

## O MOTORISTA

*Eu nunca havia visto um homem tão grande, músculos  
do tamanho de cocos em seus braços, cada perna parecia um tambor  
flexionando para a batalha.*

*Ele se aperta dentro de seu carro minúsculo  
ou na cadeira junto à mesa coberta com uma toalha xadrez posta por  
sua esposa com porcelana delicada*

*Ele se desdobra na praia, a visão  
de cada baywatch, super-herói observador da baía  
a areia amarela e a água azul-aço emoldurando-o para o Instagram.*

*Ele dirige carros em uma empresa para sobreviver  
e levanta coisas para eles também, porque ele consegue  
e volta para casa cansado, com seu corpo refreado; horas sobre horas.*

*E então ele se senta em seu amado sofá vermelho-amor  
com o carpete felpudo a massagear-lhe os pés e suspira,  
vocalizando todos os contentamentos do mundo.*

